

QUESTÃO ÉTNICA RACIAL: UMA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO POPULAR E DA INTERCULTURALIDADE CRÍTICA¹

Hanna Tamires Gomes Corrêa Leão Teixeira²
hannatamiresleao@gmail.com

Ivanilde Apolucendo de Oliveira³
nildeapoluceno@uol.com.br

Resumo

Discussão sobre experiência de educação popular intercultural, sendo a questão étnica racial seu tema gerador. Questão problema: como a educação popular freireana intercultural pode contribuir para problematização e desconstrução de discriminações étnicas raciais? O objetivo é analisar a realidade escolar quanto à questão étnica racial por meio da educação popular intercultural. É de abordagem qualitativa, procedimentos metodológicos: observação participante em escola pública de Belém-Pa; investigação-ação com turmas do primeiro e segundo ano do ensino fundamental; sistematização e análise dos dados usando categorizações e cuidados éticos, por meio do uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como referencial teórico Freire (2015) e Vera Candau (2006). Os resultados discutem consciência étnica racial, discutem sobre como se chegou a esse tema gerador e como ele foi tratado por meio da investigação ação. Conclui-se que a discriminação racial e étnica existe até mesmo entre crianças de cinco a sete anos, todavia, essa discriminação pode ser problematizada e implodida.

Palavras chave: Diversidade. Educação Intercultural. Paulo Freire.

RACIAL ETHNIC ISSUE: AN APPROACH TO POPULAR EDUCATION AND
CRITICAL INTERCULTURALITY

Abstract

Discussion on the experience of intercultural popular education, racial ethnic issues being their theme. Problem question: how can intercultural Freirean popular education contribute to the problematization and deconstruction of ethnic racial discrimination? The objective is to analyze the school reality regarding the racial ethnic issue through intercultural popular education. It is a qualitative approach, methodological procedures: participant observation in public school in Belém-Pa; action research with first- and second-year primary school classes; systematization and analysis of data using ethical categorizations and care, through the use of the Informed Consent Term. As theoretical reference Freire (2015) and Vera Candau (2006). The results discuss racial ethnic consciousness, discuss how this topic came to be generated and how it was treated through investigative action. It is concluded that racial and ethnic discrimination exists even among children aged five to seven years, however, such discrimination can be problematic and imploded.

Key words: Diversity. Intercultural Education. Paulo Freire.

¹ É recorte da pesquisa “Interculturalidade crítica freireana”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³ Doutora em Educação, coordenadora do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.

Introdução

Este artigo parte da problemática: como a educação popular freireana intercultural pode contribuir para problematização e desconstrução de discriminações étnicas raciais? Diante desse problema possui como objetivo: analisar a realidade escolar quanto à questão étnica racial por meio da educação popular intercultural.

Os aspectos metodológicos da pesquisa perpassam por sua abordagem qualitativa, a qual trabalhou com dados que não podem ser somente mensurados e seu enfoque está no processo e não no produto final. É uma pesquisa de campo. Os procedimentos metodológicos são: observação participante em escola pública da região metropolitana da cidade de Belém, no Estado do Pará; investigação-ação com turmas do primeiro e segundo ano do ensino fundamental; sistematização e análise dos dados usando a análise de conteúdo e categorizações de Bardin (2011) e cuidados éticos por meio do uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Este artigo está estruturado em duas partes principais, a primeira delas é a sistematização de experiência e de observação, que justifica como a consciência negra foi escolhida como tema gerador das atividades nessa escola. Já a segunda parte do artigo apresenta a intervenção realizada em uma pesquisa participante, também conhecida como investigação ação.

Sistematização da observação participante

a) **Consciência de si:** trazemos as falas de duas educandas negras e de um educando negro os quais expressam níveis diferentes de consciência de si e de sua identidade étnico racial. A primeira educanda, negra e com cabelos encaracolados, não se percebe como tal. Nesta fala identificamos que a educanda internalizou os padrões de beleza europeus, a ponto de descrever a si de forma oposta à realidade, o que indica ter consciência equivocada de si. **Aluna AE:** “Eu sou a única branca aqui na sala, olha o meu cabelo liso, sou a mais bonita”.

Já a segunda educanda que consideramos ter consciência de si, reconhece suas características de sujeito negro, mas as reconhece com pesar, dor, preocupação frente ao que os outros pensam sobre ela e preocupação em esconder essas características. **Aluna GE:** “Não quero nem pensar em como vai ficar esse meu cabelo de preto depois da brincadeira, tenho que prender e esconder mais ele, senão todo mundo vai ficar rindo”.

O terceiro educando Aluno FE, que destacamos a fala neste momento de reflexão sobre a consciência de si, apresenta postura diferente das duas alunas mencionadas acima, pois além de ter consciência de sua negritude, se orgulha da mesma. Em uma situação na qual os educandos estavam pintando desenhos de bonecos surgiu a questão do lápis de cor “cor de pele”.

- *FE, me passa o lápis de cor, cor de pele? (ALUNO ME)*
- *Mas qual cor de pele tu quer? (ALUNO FE)*
- *a única, só tem uma cor de pele aí na caixinha. (ALUNA ME)*

- *Não é verdade, tua cor de pele é marrom. Eu sou negão, minha cor de pele é o preto, e é uma cor de pele bem bonita.* (ALUNO FE)

b) **Dimensão histórica** como algo essencial à prática pedagógica intercultural freireana para a diversidade étnico racial. Não somente com um discurso de aceitação, mas demonstrando que preconceitos são construções históricas. Esta preocupação em abordar a dimensão histórica deve ser constante e ocorrer desde os anos iniciais da educação, como é o caso das turmas pesquisadas, pois como nesta fase sua criatividade e imaginação possuem muita influência nas suas ideias e nos seus modos de perceber o mundo, eles podem acabar por construir conhecimentos equivocados, como destacamos em um episódio que ocorreu na turma do 1º ano.

- *Professora, essa história de quilombo não é uma lenda?* (ALUNO GC)

- *Não, porque eu sou remanescente de quilombo.* (DULCINEIA)

Neste caso, a professora reverteu situação. Porém, somente uma fala não é suficiente para situar os educandos quanto ao que foi a escravidão. Mesmo com a professora falando sobre o período, violência e invasão aos negros africanos, alguns alunos não se veem como descendentes desses povos. E de modo, até mesmo inocente, tomam partido dos opressores.

Esse vídeo falou sobre a escravidão, sobre os quilombos e mostrou que os portugueses eram iguais às cigarras (Fazendo associação a história da cigarra e da formiga), queriam ganhar sem trabalhar, só explorando os negros africanos. (PROFESSORA DULCINEIA)

Eu queria ser igual aos portugueses no tempo da escravidão. Se eu nascesse nesse tempo seria filho de português. (ALUNO VD)

c) O cotidiano escolar também nos trouxe falas sobre a questão étnico racial que exemplificam as **Concepções no multiculturalismo**, discussão já realizada neste trabalho na página 34. Em consonância com Candau (2008) o multiculturalismo possui três concepções que são basilares nas diversas propostas do multiculturalismo, sendo elas: assimilacionista, monocultural plural e intercultural.

Por meio das respostas dos educandos de uma das turmas pesquisadas a uma questão problema podemos compreender como essas concepções se dão de forma exemplificada nas cosmovisões das crianças. A questão problema foi: “algumas crianças estão brincando, mas uma delas está afastada e triste porque não a deixam brincar pela sua cor, o que você faria?” (RELATÓRIO 20, 2016).

A abordagem assimilacionista é a primeira que damos destaque. Esta concepção aborda as diferenças buscando as incorporar à cultura hegemônica, eliminar as diferenças ao invés de eliminar a desigualdade. Nas palavras de Candau (2008, p. 20-1):

Uma política assimilacionista – perspectiva prescritiva – vai favorecer que todos/as se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto, não se mexe

na matriz da sociedade, procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica.

Concepção presente na resposta do aluno KE, um sujeito negro, de sete anos de idade, frente à questão problema apresentada anteriormente, ou seja, para solucionar um problema de discriminação étnico racial a proposta do educando é a seguinte: **Aluno KE:** “ele tem que ficar branco, porque ele tem que brincar para ficar feliz. Mas agora é a sua hora de ficar branco”.

Na sua percepção a discriminação por motivos de cor só terá um fim quando todos forem brancos, quando forem incorporados a cultura hegemônica, com padrão europeu norte americano. A partir de pensamentos como esse que, provavelmente, se desenvolveram pensamentos de branqueamento da população.

Além disso, nesta fala dos educandos só é possível brincar e ser feliz se for um sujeito branco. E que pesar esta fala traz, principalmente por ter vindo de uma criança negra, que se sente discriminada pela sua cor e espera que um dia se torne um sujeito branco, aceito, totalmente incorporado à cultura hegemônica.

A segunda concepção apresentada por Candau (2008) é a Monocultural plural, também conhecida como Multiculturalismo diferencialista. Esta concepção presa pelo reconhecimento e fortalecimento das diferenças, por meio da formação de grupos homogêneos, nos quais só pertencem pessoas que são parecidas, não havendo o diálogo entre os diferentes e entre as diferenças. Compreende a sociedade como constituída de muitas, diferentes e plurais culturas, mas acredita que para o desenvolvimento de cada cultura é necessário que vivam entre si, sempre fortalecendo suas próprias culturas por meio dessa vivência isolada. Assim,

Algumas das posições nessa linha terminam por ter uma visão estática e essencialista da formação das identidades culturais. São então enfatizados o acesso a direitos sociais e econômicos e, ao mesmo tempo, é privilegiada a formação de comunidades culturais homogêneas com suas próprias organizações, bairros, escolas, igrejas, clubes, associações, etc. na prática, em muitas sociedades atuais terminou-se por favorecer a criação de verdadeiros apartheid socioculturais. (CANDAU, 2008, p. 21-2)

Ainda em resposta a questão problema, o Aluno FE, também sujeito negro, de oito anos, exemplifica como se dá essa concepção monocultural plural na prática cotidiana de crianças.

Eu chamava crianças da minha cor e eu “brincava” de muitas brincadeiras divertidas: roda africana, Escravos de Jó, pira se esconde, bolinha de gude e pira pega. (ALUNO FE)

Para o educando, o problema da discriminação étnico racial é solucionado por meio da formação de “guetos do brincar”, ele como sujeito negro só brincaria com negros, com brincadeiras que fortalecem suas identidades, como toda africana e escravos de Jó, e, por conseguinte, os brancos deveriam brincar somente com os brancos.

A terceira concepção de multiculturalismo, e a que adotamos neste trabalho é a perspectiva Intercultural crítica, a qual Candau (2008) apresenta suas cinco principais características, sendo elas a interrelação entre diferenças, considerando seus confrontos e afirmações de identidade; cultura em contínuo processo de elaboração, sendo histórica e dinâmica; a hibridação cultural, a qual afirma que identidades são abertas, jamais “puras”; consciência dos mecanismos de poder, que evidencia que as relações culturais estão construídas na história; e a última característica: não desvincula questões das diferenças das questões de desigualdade.

Esta concepção é dotada de esperança, devido à luta por desconstruir as discriminações e constantemente construir uma nova sociedade, uma nova escola, onde todos tenham seus saberes e seres reconhecidos, sem tentar alcançar algum padrão ou ápice de cultura e desenvolvimento, sabendo que “cada cultura é uma experiência única, irreduzível a qualquer outra” (BRANDÃO, 2015, p. 175). Esperança que podemos observar na fala da Aluna LE, educanda branca de cabelos loiros e Aluna AE, educanda Negra de cabelos negros.

Eu diria para a pessoa que não quer brincar com a outra pessoa para pedir desculpas. Aí, a gente brincava “juntos”, a gente brincava de desenhar, de pira pega, de pira se esconde, de quase tudo. Aí depois elas viravam melhores amigas, e aí, quando anoitecesse e amanhecesse a gente brincava de novo. (ALUNA LE)

Convidava para brincar comigo de roda e com meus outros amigos. Não importa que cor você é, você é bonita! Pele escura, cabelos enrolados e escuros, com fita vermelha, azul, verde e várias cores com brilho, todas lindas. (ALUNA AE)

Na perspectiva da Aluna LE para eliminar um problema de discriminação étnico racial é preciso seguir uma ordem de ações: pedir desculpas, ter ações juntos e quando anoitecer e amanhecer, permanecer juntos. Tal como na educação intercultural ao defender que os mecanismos de poder sejam expostos e problematizados, existindo um espaço de tradução e negociação dos conflitos de poder; bem como haja intercambio entre as diferenças e uma meta a alcançar.

É possível notar que essas concepções de multiculturalismo além de estarem presentes em políticas públicas, discussões acadêmicas e ações governamentais, se fazem presentes no chão da escola, nas percepções de vida dos educandos. Mesmo que estas crianças não tenham feito alguma leitura sobre o multiculturalismo, encontram suas formas de perceber e lidar com as diferenças nas suas realidades, convivências e conflitos como pudemos observar acima.

Em suma, a temática Consciência étnica racial, se desdobrando nos temas consciência de si; beleza negra; dimensão histórica; e concepções de multiculturalismo, possui grande relevância e importância em ser abordada, pois estão presentes na escola que precisa passar por uma transformação pessoal, social, política e epistemológica.

Investigação ação do tema gerador: Consciência étnico racial

O problema que norteou a intervenção da pesquisa participante foi: de que forma a compreensão crítica das diferenças étnicas raciais pode interferir na compreensão de si? Objetivo geral: compreender a si por meio da compreensão dos outros e suas diferenças étnicas raciais. A intervenção se deu em X momentos.

Primeiro momento: massinha para me modelar. Em um pedaço de papel A4 os educandos representam a si mesmo com massa de modelar, tendo a opção de escolher somente uma cor para se representar.

Nesse momento dez educandos (a maioria) escolheram o **bege**, , dentre esses dez, três alunos eram brancos, quatro pardos, um com traços indígenas, um negro e um com traços asiáticos. Após o bege, as cores mais escolhidas foram o **branco** e o **marrom**, cinco crianças escolheram o branco, entretanto, entre esses cinco, três eram pardos, um era negro e somente um era branco. Cinco crianças também escolheram o marrom, sendo todas elas negras. Três educados optaram pelo **preto**, por influência de um aluno, o que possuía muito orgulho da cor e dizia para os colegas negros usarem a cor preta. Dois alunos escolheram o **vermelho**, uma delas possuía traços indígenas e a outra afirmava ser morena cor de jambo. Duas alunas optaram pelo **rosa**, uma delas era branca e tinha ido à praia a outra era parda, mas rosa era sua cor favorita e gostaria de ser tão branca para ficar rosa quando pegasse sol. Outras duas crianças afirmaram ser **amarelas**, uma delas é parda e a outra é branca com cabelos loiros. Somente uma criança afirmou ser **alaranjada**, pois, segundo ele, era um moreno bronzeado. Por fim, uma criança escolheu a cor **verde**, com o seguinte argumento: “estou muito doente tia, mamãe falou que eu estou verde”.

De forma simplificada, apresentamos no gráfico a seguir, como os alunos se declararam:

Quadro 3: Afirmação por cor



Fonte: Registro próprio

Assim, 9 cores apareceram nas falas das crianças, o que evidencia que existem muitas maneiras de se auto afirmar, por exemplo, para se declararem negros as crianças usaram as 4 cores, sendo elas: marrom,

preto, vermelho e alaranjado. Tal como ocorreu no ano de 1976, quando o IBGE introduziu pergunta aberta sobre classificação de cor, em uma pesquisa nacional e obteve auto declarações de 136 “cores” diferentes de pessoas.

O que significa essa quantidade tão grande de cores? Por um lado, tal quantidade sinaliza para a importância da cor como marcador social. Afinal, não se distinguiria com tantos nomes uma característica que não tivesse muita importância. (GUIMARÃES, 2012, p. 38).

Entretanto, a maioria das crianças afirmou ser de cores que não condizem com a sua realidade, principalmente as que escolheram o bege e o branco, pois a maioria dessas crianças era negra e/ou indígena. Diante disso, 55% dos educandos tiveram dificuldades na representação de si, até mesmo na aceitação, ou haviam aprendido mesmo que cor de pele é somente o bege.

Segundo momento da pesquisa participante: flanelógrafo das diferenças. Utilizou-se o recurso do flanelógrafo, com personagens feitos em E.V.A para estimular o diálogo com os educandos sobre a diferença. Iniciou-se apresentando três animais diferentes (em espécies, tamanhos e cores) e foi travado diálogo com as crianças sobre esses animais, suas semelhanças, diferenças e suas relações entre si, objetivando chegar a compreensão de que embora diferentes todos são animais e graças a essas diferenças que a natureza possui equilíbrio.

- *Qual é o melhor?* (**Hanna**)
- *melhor em que? Não dá pra comparar, são todos diferentes.* (**Aluno SE**)
- *Tem uns mais fofinhos, mas a natureza precisa de todos.* (**Aluno CE**)

Em seguida, foram trabalhados os bonecos utilizados no flanelógrafo constituídos por três figuras humanas: homem oriental, homem afrodescendente e homem branco. Realizou-se o mesmo diálogo sobre suas semelhanças, diferenças e suas relações entre si, objetivando problematizar a discriminação racial como uma construção histórico social, não como algo natural. Ao serem apresentados os bonecos ocorreu esse diálogo:

- *Tem algum melhor do que o outro?* (**HANNA**)
- *o branco!* [**Alunos em coro**]
- *o que eles têm de diferentes?* (**HANNA**)
- *A cor* (**ALUNO HE**)
- *só isso?* (**HANNA**)
- *“Não, o olho”, “a roupa”, “o cabelo”, “o pé”.* [**Alunos ao mesmo tempo**]
- *E o que eles têm de parecido?* (**HANNA**)
- *Todos têm cabeça, mão, pé...* (**ALUNO JE**)
- *Todos estão sorrindo.* (**ALUNO NE**)
- *Todos são homens.* (**ALUNO LE**)
- *Todos são pessoas.* (**ALUNA DE**)
- *E por que vocês dizem que o branco é o melhor?* (**HANNA**)
- [**Silêncio**]

- *na verdade tia, igual aos animais, todos são diferentes, mas são animais. Aqui todo mundo é pessoa, não tem nenhum melhor. (ALUNA KE)*
- *Mas vocês não acabaram de dizer que o branco é o melhor? (HANNA)*
- *Sim tia, a gente respondeu rápido, sem nem pensar. (ALUNA KE)*

Este diálogo exemplifica como o preconceito é algo construído na sociedade, é algo que impede o ser humano de pensar e construir suas próprias percepções. Não possui algum embasamento natural, mas é construído histórica, social, política e economicamente.

Como aponta Candau (2016, p. 6) para problematizar e desconstruir os preconceitos é importante refletir sobre o legado que a colonização deixou:

O processo de colonização dos povos latino-americanos, além de longo e marcado por diferentes violências e processos de genocídio e escravização de diversos povos, afetou profundamente nossas realidades. Existe um legado da colonização que subsiste até hoje.

Legado que penetrou nossas mentalidades, culturas e epistemologias, daí a importância do pressuposto de aproximação entre Freire e a Interculturalidade: “possibilidade e reflexão crítica e política” (OLIVEIRA, 2015, p. 101). Reflexão sobre o processo de humanização-desumanização, contra respostas como a anterior [“foi sem pensar, tia”]. Sem pensar, de forma “naturalizada” subjagam e inferiorizam seres, sujeitos. Conforme Oliveira (2016, p. 101):

Para Freire a educação tem uma tarefa ético-política, a de promover a liberdade e a autonomia dos sujeitos, que é construída no processo histórico de tornarem-se seres vivos históricos e socioculturais, estabelecendo tal como Dussel, à vida humana como princípio ético.

Daí a importância de uma pedagogia da autonomia, preocupada em formar sujeitos pensantes, que problematizem o sistema e a cultura hegemônica, que questionem a modernidade, que tem como outra face a colonialidade, que subjuga seres e os intitula como superiores ou inferiores, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, civilizado ou primitivos, em melhores ou piores, tal como as crianças o fizeram e depois perceberam que isso, na realidade, fora das mentes dos colonizadores, não procede.

Terceiro momento: exposição dialogada sobre a origem dos negros no Brasil. Compreensão da África como o 3º maior continente do mundo; a diversidade da fauna, da flora, de idiomas, da beleza e da cultura; diálogo sobre a escravidão no Brasil e sobre Africanidade. Neste momento foi usado mapa *mundi* e fotos impressas.

Neste momento os educandos se surpreenderam com os animais nativos da África, afirmando não saber que vieram de lá; encontraram semelhanças entre os costumes das suas famílias com costumes africanos, como os turbantes e as comidas; e demonstraram grande perplexidade com a escravidão de negros africanos e de indígenas, e perceberam a proximidade do nosso país com o continente africano.

Quarto momento: A cor da pele diz tudo sobre mim? Essa atividade se realizou com um boneco negro e um boneco branco (os mesmos bonecos utilizados no flanelógrafo do 2º momento), e com três tabelas com afirmações binárias e dicotomizadas, sendo a primeira delas dividida em negro/branco, a segunda tabela com alto/baixo, e a terceira bom/mau. As tabelas e os bonecos possuem *velcro* para que os bonecos sejam colocados conforme os educandos desejarem, não necessariamente um de cada lado. Nesta atividade os educandos possuem a missão de preencher as tabelas com os dois bonecos e explicar suas escolhas.

Os educandos preencheram os quadros (Fotografias 5, 6 e 7) da seguinte maneira:

Fotografia 5: tabela negro e branco



Fotografia 6: tabela alto e baixo



Fotografia 7: tabela bom e mau



Fontes: Registros próprios

Quanto aos dois primeiros quadros, a turma os escolheu com facilidade e bastante acordo. Já no terceiro quadro, disseram que não sabiam como julgar uma pessoa somente pela aparência:

Esses bonecos nem falam, tia, como a gente vai saber quem é mau. E eu entendi que não existe gente só boa e só má, depende de quem é a pessoa, do dia, e do que tá acontecendo.

(ALUNO UD)

Nesta atividade grande parte dos educandos mudou sua percepção sobre a sua cor de pele, descobriram que não existe só uma cor de pele (o bege) e tiveram consciência de sua cor, pois alunos que se intitularam como brancos não o sendo, voltaram atrás na sua escolha e se representaram com a cor marrom, ou preta. Semelhantemente, o aluno branco conseguiu representar a si com a cor branca, e não com uma cor escura somente porque a maioria era de cor escura.

Além disso, os educandos reconheceram-se como discriminados e como discriminadores. Falaram aos colegas que já haviam se sentido oprimidos por seus colegas de sala, os colegas reconheceram as opressões, dialogaram, se perdoaram, otimizando as relações interpessoais na sala de aula.

Também damos destaque como resultado a compreensão dialética que os educandos construíram, antes da atividade, de forma involuntária, quando se tratava de branco e de preto os educandos. Logo, os

dicotomizavam como bons/maus, empregados/desempregados e melhores/piores. No decorrer da atividade puderam problematizar e desconstruir essas atitudes.

Conteúdos curriculares trabalhados: coordenação motora; identidades étnicas; maior e menor; características dos animais terrestres e mamíferos; leitura coletiva; interpretação de imagem; mapa *mundi* e localização geográfica; características do continente africano; escravidão; Africanidade; dialética; processos sociais de discriminação e exclusão social.

Recursos: massa de modelar, A4, flanelógrafo com três animais e três homens de E.V.A, cartaz “A redação”, mapa *mundi* impresso, imagem impressa do patinho feio, da fauna, da flora africana, e de celebridades negras.

Em suma, os encontros pedagógicos desta atividade promoveram diálogos freireanos e interculturais, de construção e desconstrução de si, problematização do sistema, da mídia e da própria escola.

Referências

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Brandão, C. (2015). *Nós humanos. Do mundo à vida, da vida à cultura*. São Paulo, Cortez.

Candau, V. (2016). Educação descolonizadora: construindo caminhos. *Nova América*, Nº 149 jan-mar.

Candau, V.; Moreira, A. (2008). *Multiculturalismo: Diferenças Culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis –RJ: Vozes.

Guimarães, A. (2012). *Preconceito Racial: modos, temas e tempos*. 2e. São Paulo: Cortez.

Oliveira, I. (2016). *Epistemologia e Educação*. Petrópolis –RJ: Vozes.

Oliveira, I. (2015). *Paulo Freire: gênese da Interculturalidade no Brasil*. Curitiba: Vozes.